

# MigraEducas:

## vulnerabilidade como potência



Margarita Victoria Gomez - org

O ser humano ao deixar seu país de origem ou residência habitual devido ao temor de perseguição (quando sua vida e liberdade estão sob ameaça, ou quando uma situação de grave violação de direitos humanos está ocorrendo em sua pátria) viaja em busca de um lugar na terra livre de violência no qual seja reconhecido(a) como uma "pessoa em situação de refúgio".

Ao ressaltar a condição de pessoa, percebemos a imperiosidade da atuação do Estado acolhedor e da sociedade civil global a fim de possibilitar-lhe uma "outra vida" livre de violência.

O livro organizado por Margarita Victoria faz uma reflexão oportuna a respeito da Educação Universitária nessa empreitada cívica e remete à belíssima expressão da educação como "recuso de esperança", que sintetiza todo potencial emancipatório dessa atividade genuinamente humana.

Guilherme Assis de Almeida, Livre docente da Faculdade de Direito e Professor no Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo.

# MigraEduca: vulnerabilidade como potência ou abrir a educação superior com migrantes e refugiados

Margarita Victoria Gomez (Org.)



São Paulo  
Virtus Educação  
Missão Paz-CEM-Radio Migrantes

**Conselho editorial:**

Albert Roger Hemsi - Doutor em Educação (USP)  
Professor nas Faculdades Integradas Rio Branco (FIRB-SP).

Arthur Matuck - Doutor e Professor da Universidade de São Paulo. (USP)

Diana Reartes - Doutora em Antropologia social pelo Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS). Pesquisadora no IPECAL (Instituto de Pensamiento y Cultura en América Latina), México.

Elisa Angotti Kossovitch - Doutora em Letras e Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo. Professora na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Ilana Strozenberg - Antropóloga, Doutora em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Marilia Godoy - Doutora em Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC). Pesquisadora do Grupo Migração e Identidade do Centro de Estudos Urbanos e Rurais (CERU/USP).

Marilia Franco - Professora e pesquisadora no Programa de Integração Latino-americana (Prolam) da Universidade de São Paulo (USP).

**Apoio:**

Missão Paz, SP; Centro de Estudos Migrantes-CEM; Radio Migrantes en español.

Entrevistas realizadas por Margarita Victoria Gomez (MVG)

1º Transcrição da entrevista de Fernando Lajus – Fernando Lajus.

Os artigos e as ideias que expressam neles são de responsabilidade de seus autores.

**Coordenação do projeto gráfico:**

Virtus Educação Editora

**Arte de capa:** Arte Coletivo Migrante - Paulo Zeminian e Artur Matuck.

**Foto:** Carla Guimarães.

**Imagem de contracapa:**

Sergio Ricciuto Conte. Mural exposto na Missão Paz-SP.

**Arte final da capa-contracapa:**

Albert Roger Hemsi a partir da foto de Carla Guimarães e do mural de Sergio Ricciuto.

**Tradução Texto de J. Suoranta:**

Luciana Averio.

**Revisão:** Esther Schapochnik.

**Impressão e acabamento:** Paulo's Gráfica.

DOI: 10.11606/9788569720010

## Catalogação na Publicação

M636 MigraEduca: vulnerabilidade como potência ou abrir a educação superior com migrantes e refugiados / organizadora Margarita Victoria Gomez - São Paulo: Virtus Educação, 2019.  
204 p.  
ISBN 978-85-69720-01-0 (e-book)  
ISBN 978-85-69720-02-7 (impresso)  
1. Ensino superior - Brasil 2. Migrantes (Educação) – Brasil  
3. Refugiados 4. Educação à distância I. Gomez, Margarita Victoria

CDD 21.ed. – 378.81

Elaborada por: Sarah Lorenzon Ferreira CRB-8/6888

Índices para catálogo sistemático

1. Migração - 325.1 2. Refugiados - 325.21 3. Educação à distância - 371.35



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

# **Construindo um lugar na sociedade de recepção pelos imigrantes por meio da educação e do trabalho**

## **Entrevista com Sedi Hirano**

**MVG:** *Prof. Hirano, agradeço por ter aceitado vir ao programa e para iniciar gostaria que contasse algo sobre Sedi Hirano.*

**SH:** Agradeço à Webradio Migrantes, é um prazer estar aqui e fico muito honrado pelo convite de Margarita para falar com o público interessado na questão dos migrantes. Eu sempre digo que o migrante na verdade é um atópos no país que o recepciona, isto é, um ser atópico, um indivíduo sem lugar, deslocado e inclassificável. Por consequência, ele tem que construir um tópos, um lugar dentro da nação, tem que se colocar e se classificar para se tornar cidadão do país de acolhimento. É o que os vários imigrantes fizeram por meio da educação e do domínio da língua: adentrar nos valores sociais, culturais e econômicos do país receptor. Mas, antes de falar do migrante como atópos, como a Margarita me pediu, vou falar um pouco sobre quem é Sedi Hirano. Sou filho de uma família de imigrante japonês e vivi um tempo em bairro caipira no interior de São Paulo e, por um conjunto de circunstâncias, creio que não é uma marca majoritária só da família japonesa, mas meus pais concentraram a atenção na educação e na formação de seus filhos. Minha mãe e meu pai faziam um imenso esforço para que as crianças estudassem e se formassem.

Lembro-me bem que eu morei nos arredores de São Miguel Arcanjo, em Pinhal. Para poder estudar, tive que andar nove quilômetros do sítio onde a minha família morava para chegar a escola da cidade. Eu tinha naquela época entre 6 ou 7 anos e, para não me perder, na caminhada do sítio à escola, minha mãe foi quebrando galhos de arbustos, colocando-os no caminho, que era uma picada. No bairro com a população ali residente, em sua maioria caipira, aprendi que este habitante imerso na cultura rústica, como Antônio Cândido descreve nos “Parceiros do Rio Bonito”, que esta é uma população que sabe viver em estreito convívio com a natureza. Nesse sentido, a cultura caipira não tem necessidade de ter na vida cotidiana o trabalho como atividade vital.

A cultura caipira é uma cultura da desnecessidade do trabalho. A natureza que, de uma forma ou de outra, faz parte do ambiente ecológico onde ele vive, fornece um conjunto de elementos para a sobrevivência. O caipira sabe se apropriar dessa natureza, cultivando, produzindo e se utilizando dos elementos dela para sobreviver. O caipira possui a sua sabedoria. Ele conhece o ritmo da natureza, fica olhando a nuvem e diz: “ah! Hoje vai chover, hoje não vai chover, hoje vai fazer sol etc.” Eu me lembro que, quando tínhamos necessidade de alguma ração diferente da usual, meu pai ia até rio, não muito distante de casa

para pescar e trazia um balde de peixe. Tínhamos uma farta refeição por alguns dias, pois o peixe era conservado em salmoura. A alimentação usual era milho, mandioca, feijão, arroz e alguma ração cárnea, não tão frequente, que também se salgava. Então, eu vivi imerso na cultura caipira, mas com a cabeça voltada para o estudo.

A minha família, como a maioria das famílias imigrantes, dedicava-se ao trabalho diuturno e incessante, procurando acumular algum tipo de excedente. Em suma, os valores culturais das famílias de imigrantes centrava-se no binômio formação educacional para os filhos e trabalho incessante e metódico. Foi o trabalho e o estudo que, em última instância, as conduziu da condição de pessoas atópicas, sem lugar na nação, para conquistar um espaço social, cultural, econômico e territorial no país receptor.

Eu já disse que fui picado pela mosca azul da leitura, adorava ler.

Depois mudamos para São Paulo, inicialmente no bairro dos jardins, quando a minha mãe tinha ganhado dinheiro plantando tomate, pois quando uma geada aconteceu, ela não atingiu a plantação da minha mãe. O atravessador, que intermediava as vendas de produtos agrícolas, convidou a minha família para montar uma fábrica de bonecas no Jardim Europa, aproveitando a habilidade artesanal do meu pai que veio como imigrante de Osaka, tendo antes morado em Tóquio. Um ano depois, a minha família foi convidada a se retirar da casa do intermediário com a justificativa de que a fábrica era deficitária. Cheguei até a estudar em escola primária privada dos jardins. A alternativa foi ir para a periferia da cidade de São Paulo, para Itaquera.

Naquela época Itaquera era um bairro operário. O pessoal da vizinhança do bairro dizia para a minha mãe: Olha, dona Isaura, fala para o seu filho não ler tanto, de repente ele pode virar maluco (nome da minha mãe era Chino, mas, para facilitar o contato com os brasileiros, ela se autodenominou Isaura). Na realidade, eu acabei virando professor da Universidade de São Paulo! Uma das universidades mais importantes da América Latina.

Em Itaquera fiz o primário e iniciei o ginásial em Poá. Meu pai faleceu quando eu tinha 13 anos. Tive que arranjar um emprego de office-boy, no centro de São Paulo e fui fazer o curso ginásial no Belenzinho...sabe aonde? Na Escola Normal e Ginásio Estadual Domingo Faustino Sarmiento. Descobri que não só existiam brasileiros e japoneses no mundo, mas também existiam argentinos. E bons argentinos.

O nome da escola era uma homenagem ao grande estadista de “la generación del 80” e que tinha dado uma grande ênfase na educação na Argentina. A Argentina tinha e tem ainda um sistema educacional altamente desenvolvido no contexto da América Latina. Lembro que, depois de me tornar professor no curso de Ciências Sociais da USP, percebi que os alunos argentinos tinham uma

formação cultural, educacional e uma formação universitária bem avançada. Basta dizer que Argentina têm vários Prêmio Nobel.

**MVG:** *Qual a importância da educação na sua família?*

**SH:** A importância da educação esteve presente quando constitui a minha família, todos os meus filhos entraram na Universidade de São Paulo.

Mas, antes de entrar na universidade, fui um militante do Partido Comunista, devido aos professores de esquerda que tive ginásio Domingos Faustino Sarmiento. O professor Rubens Guedes, que era gerente da Livraria Vitória, que vendia livros marxistas, comunistas, da Terceira Internacional. É claro que, na época, eu não sabia do período stalinista na União Soviética. Também no curso científico, que fiz no tradicional Colégio Presidente Roosevelt, eu ainda era um militante do Partido Comunista. Lembro que pichava a Praça da Sé com a frase “americanos go home.” Fugi muito da polícia, fazendo manifestações, etc. Então, eu cresci como um adolescente de esquerda.

No ginásio Domingos Faustino Sarmiento e logo depois no Colégio Presidente Roosevelt, encontrei vários outros colegas que tinham uma cultura sofisticada, de classe média, pois a classe média brasileira, dependendo do seu tipo de extração, eles liam muito. Eu comecei a ler Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Lima Barreto, Aluísio de Azevedo José Lins do Rego, Caio Prado, Gilberto Freyre, Celso Furtado, Nelson Werneck Sodré, Henri Pirenne, Jacques Pirenne, Gustave Glotz, Émile Bréhier Windelband, Rodolfo Mondolfo, literatura americana, francesa, russa, e japonesa. De uma forma ou de outra, eu fui atraído pela literatura e pelos livros de história.

Quando entrei na Universidade de São Paulo, comecei a frequentar teatro, cinema e fiquei sócio da cinemateca. Comecei a assistir filmes sobre realismo russo, Encouraçado Potenkin, do grande cineasta Eisenstein... comecei a ler Tolstoi, Gorki Dostoievski, John Steinbeck, Erskine Caldwell, Knut Hansun e vários outros.

Eu tenho a impressão que acabei sendo aprovado no vestibular do curso de Ciências Sociais não pelo que eu sabia escrever, mas pelo que eu tinha lido.

Quando fui entrevistado por Antônio Cândido, na prova oral de português, eu sorteei um ponto e era para discorrer sobre a obra de Graciliano Ramos. Antônio Cândido me perguntou, “O que o senhor leu sobre Graciliano Ramos?”. Respondi: “Professor, eu li toda a obra publicada de Graciliano Ramos”. Ele me disse: “Então me fale um pouco de ‘Memórias do Cárcere’ e eu, como militante do Partido Comunista, tinha lido, pois o escritor pertenceu ao mesmo partido. E, quando sorteei o ponto de história, caiu um chamado “Fatores humanos da industrialização no Brasil”. Comecei a falar, e a professora Celia Quirino dos Santos, que era da Ciência Política, depois da minha exposição, me perguntou: “Mas, onde você leu sobre esse assunto?” Eu disse “Li um artigo de um tal de

Otávio Ianni, na Revista Brasiliense.” A professora Celia perguntou “O que ele era?” Pelo tipo de matéria que li ele deve ser historiador, sociólogo ou alguma coisa parecida. E ela disse: “Eu vou apresentar para senhor o tal de Otavio Ianni”. Era o presidente da banca!

Na banca de historia tinha o Professor Sérgio Buarque de Holanda, um grande historiador. Falando com toda franqueza, tirando o stalinismo do Partido Comunista, eu acho que ele fez com que eu me interessasse por literatura e bons livros de história do Brasil.

Eu li José Ingenieros que escreveu “El hombre medíocre”, ou seja , eu tinha um cabedal de leitura não tão comum, diria até incomum. A juventude comunista da minha época era mais politizada e interessada por esse tipo de literatura e por problemas sociais, econômicos e políticos da realidade brasileira

Sempre fui um aluno um pouco contestador. Assistia as aulas de Fernando Henrique Cardoso, de Octavio Ianni, do Florestan Fernandes e fazia perguntas impertinentes, produto das minhas leituras. Eu percebi depois que os professores no Brasil lembram dos alunos impertinentes, do aluno que pergunta, que coloca questões, do aluno que discorda. Alguém me disse, nós professores lembramos dos piores e dos melhores alunos, do aluno médio a gente não sabe bem quem é.

**MVG:** *Como estes professores incidem no seu ingresso à universidade?*

**SH:** Acredito que eles lembravam da minha pessoa devido a minha participação em sala de aula, sempre fazendo perguntas. Quando Fernando Henrique Cardoso, com o golpe militar de 1964, teve que sair da USP e foi para o Chile, via Argentina, alguém tinha que ficar no seu lugar e Florestan Fernandes lembrou do meu nome. Eu estava na sala de pesquisa fazendo um trabalho no CESIT (Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho) sobre “Mobilização da Força de Trabalho no Brasil”, como bolsista de Iniciação Científica da FAPESP. O professor Octavio Ianni entrou na sala do Centro e disse : “O professor Florestan Fernandes quer falar com o senhor, vamos para a sala dele” – Eu estava me formando no Curso de Ciências Sociais, naquele ano de 1964. O professor Octavio Ianni falou: “Sedi, senta porque você pode cair de costas”.

O professor Florestan Fernandes reforçou o que disse o seu assistente e afirmou: “É bom você se sentar porque pode cair de costas”. Afirmou que, conversando com Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, eles discutiram alguns nomes que poderiam ficar no lugar de FHC que estaria indo para o Chile e que chegaram à conclusão de que eu seria a pessoa adequada. Que eu entraria no lugar de FHC: “Pensamos em você porque é uma pessoa integra, e nós estamos fazendo o convite para o lugar do Fernando Henrique”. Eu disse: “Professor, eu nunca dei aulas na minha vida”. Ele disse: “Um dia você tem que começar” e Florestan falou “Você vai aprender a dar aula apanhando dos alunos”. Florestan

esclareceu: “Eu não tenho nenhum modelo de como dar aula, mas vou te dar uma sugestão, leia um bom romance policial.

Um bom romance policial tem o fato criminoso e o investigador (detetive) tem as varias alternativas para indagar quem foi o autor do crime e vai desenvolvendo o que cada um fez, durante o período em que o crime ocorreu. No final chega a uma conclusão: Analisando todos os dados, eles apontam quem é o criminoso. Seguindo conselho de Florestan Fernandes, comecei a ler um bom romance policial...

**MVG:** *Que romance escolheu?*

**SH:** Eu li muito Agatha Christie. Mas tinha outros grandes autores, mas foi seguindo o conselho de Florestan Fernandes que acabei me tornando professor. Mas eu respondi ao professor Florestan, “falando francamente, não sei porque o senhor me escolheu”, porque, na turma de formandos de 1964, tinha muitos alunos de classe media ilustrada, bem nascida, que falava e escrevia muito bem o português e um deles poderia ser mais adequado para ser professor e dar aula no curso de Ciências Sociais. E, ele disse: “Eles não têm uma coisa que o você tem Sedi”: “Nádega de paquiderme, você senta e fica horas e horas trabalhando”. Eu não sabia que ele estava me observando.

Fui bolsista de Iniciação Científica da FAPESP e tinha que sistematizar uma serie de dados sobre a “Mobilização da Força de Trabalho no Brasil”, e toda vez que Florestan chegava lá na sala do CESIT (Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho), me via trabalhando na máquina elétrica de calcular. Ele disse que acreditava mais no pessoal que trabalhava duro, muito esforçado e sistemático. Floresta Fernandes era assim, uma pessoa muito empenhada. E determinada. Acabei sendo escolhido enquanto outros professores e professoras torciam para que fosse uma moca bonita, de boa família, pertencente a elite do poder e morando no melhor bairro de São Paulo, onde morava a aristocracia paulista do café e a elite financeira. Eu me lembro que, quando estava passando no corredor da faculdade, uma professora, certamente da aristocracia decadente, comentou: “Depois que o Fernando Henrique Cardoso foi para o Chile”, devido ao Golpe Militar de 1964, a cadeira de Sociologia I comandada por Florestan Fernandes “estava se proletarizando”. O proletário que estava entrando como professor, na Cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Universidade de São Paulo era eu.

**MVG:** *Grande honra...não?*

**SH:** O Florestan Fernandes veio de um cortiço da Bela Vista, filho de lavadeira e pai desconhecido, foi engraxate de sapato e garçom de bar, mas gostava de ler muito. Depois que entrou para o Curso de Ciências Sociais, estudava 17 a 18 horas por dia, segundo o depoimento que ele fez na Revista Transformação,

editada pela UNESP. O fundador da Escola Sociológica de São Paulo, vivia na biblioteca e lia muito. Tornou-se um dos maiores sociólogos da América Latina e chefe da Escola Sociológica de São Paulo.

Trabalho e estudo são instrumentos de ascensão social e ainda são meios para construir um lugar (um tópico), para aqueles que estão na condição de atópicos (sem lugar, deslocados, desclassificados e discriminados: o que acontecia com uma parte considerável da população brasileira, incluindo os imigrantes). Diria que a minha trajetória girava ao redor desse binômio. Por meio do trabalho, alicerçado pelo estudo, cheguei a ser, ainda como aluno de curso de Ciências Sociais, coordenador de pesquisa e mídia em uma das maiores empresas de comunicação no Brasil que era a Alcântara Machado Publicidade, quando a Empresa Folha da Manhã foi adquirida, por intermediação de Caio de Alcântara Machado, pelo grupo Octavio Frias de Oliveira, fui convidado para montar o Departamento de Pesquisa da Folha de S. Paulo.

Quando me formei no Curso de Ciências Sociais, o professor Florestan Fernandes me convidou para ficar como Assistente da Cadeira de Sociologia I. Este fato provocou uma situação de discriminação e de preconceito muito grande, como já relatei. Isto acontecia porque a imagem que os descendentes de japoneses tinham e ainda têm é de um indivíduo com formação tecnocrática, com qualificação acadêmica predominante das áreas ciências exatas. A questão era: “O que um japonês está fazendo no curso de Ciências Sociais?” Para a elite universitária de classe média havia alguma coisa errada, “fora do lugar”. Percebi o grande preconceito que eles tinham em relação aos descendentes de imigrantes japoneses. Era um “estranho no ninho”, alguém que morou num bairro caipira, que veio da Zona Leste, um bairro operário da periferia de cidade de São Paulo naquela época, hoje é de classe media.

Eu percebia que o lugar de assistente da Cadeira de Sociologia I, tinha uma marca estamental, não era para os filhos de operários e muito menos para filhos de imigrantes japoneses, mas para os membros da aristocracia da elite decadente de classe media. Quem me falou que eu era objeto de preconceito no Departamento de Ciências Sociais, com a extinção das Cátedras com a Reforma Universitária, foi o professor de antropologia João Batista Borges Pereira, uma pessoa íntegra: “Sedi, você pensa que o nosso Departamento não tem preconceito? O departamento tem preconceito e você foi objeto dele”. Lembro da frase que o Florestam Fernandes repetia nos seus livros: “O brasileiro tem o preconceito de não ter preconceito”.

Portanto, eu era um atópico, estava em um lugar que não era meu...e eu era estereotipado: “Oi, Sedi, vai fazer pesquisa sobre o mercado financeiro, pesquisa sobre marketing”, ou seja, uma parte do grupo na academia da área de humanas tinha o estereótipo de que o descendente de japonês tinha uma orientação atávi-

ca (hereditariedade étnica) para essas atividades mais profissionalizante, pragmática, com orientação para o mercado.

A verdade seja dita, quando estava me formando fui convidado para ser gerente de Marketing da Volkswagen do Brasil. Então, para quebrar este imaginário acadêmico e sugerido pelo professor Luis Pereira, resolvi fazer um mestrado teórico sobre “Casta, Estamento e Classe Social”, que atualmente está com 4<sup>a</sup>. edição já esgotada e com o contrato assinado para a 5a. edição pela Editora da Unicamp. Depois, no doutorado, resolvi desenvolver a tese sobre a questão do “Pré-capitalismo e Capitalismo”, uma pesquisa teórica sobre a formação do Brasil colonial.

Desde o curso ginasial a questão do pré-capitalismo e capitalismo estava presente. Vários historiadores diziam que o Brasil já começou como formação social capitalista e outros diziam que não, então eu queria resolver teoricamente como o problema aparecia nas obras de Marx. Fiz mestrado e doutorado dentro dessa temática.

**MVG:** Claro, quando o convidei para o programa era por nosso interesse em conhecer a sua trajetória “migrante” de educador, pensador do Brasil e dos processos educacionais não só do proletariado, mas também do migrante já que hoje é uma realidade que envolve, como alguém disse, o precariado.

**SH:** Sim, foi o professor Ruy Gomes, atual Chefe do Departamento de Sociologia da USP, ele tem um livro sobre o precariado, como alguns segmentos do proletariado estão em uma situação sumamente precária.

**MVG:** E, nesse contexto, pensando no processo educacional dos migrantes, ACNUR, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), estima que 40% da população mundial têm acesso a educação superior e somente 1% são de refugiados. Como abrir a universidade no Brasil, como pensar o acesso e a permanência da pessoa em situação de refúgio quando temos no país quase 80% das matrículas da educação superior em universidades privadas?

**SH:** Nós, temos muitas vezes um conceito pré-condicionado a uma certa mitologia de que o imigrante não tem uma boa formação, a verdade é que a condição de migrante não implica falta formação e de estudos. Eu conheço muitos descendentes de japoneses que residem no Brasil que vão ao Japão como decasséguis, trabalhadores temporários, muito deles, têm formação universitária nas áreas de engenharia, arquitetura, física, química, no campo das ciências humanas e sociais e em ciências da saúde.

Eu lembro que imigrantes chilenos e argentinos que vieram para o Brasil tinham formação acadêmica universitária. O Atlas Temático sobre Migrações Internacionais, publicado por Rosana Beninger e colaboradores, mostra que os imi-

grantes haitianos, das primeiras levas, tinham, muito deles, nível de formação educacional superior, precedidos por um curso secundário de boa qualidade. Os imigrantes argentinos, em sua maioria eram altamente qualificados, eles ocupavam cargos em empresas e instituições de sólida reputação.

Entre os migrantes, têm os que possuem formação de nível superior e os que não tem. Muitos têm, mas pelo tipo de migração (migrante forçado e/ou refugiado que veio para o Brasil com visto humanitário, intermediado por instituições de políticas públicas de auxílio ao migrante), acabam imprimindo uma imagem de que os imigrantes são de baixíssima formação e quase semianalfabetos (certamente o são no domínio da língua portuguesa), o que não é bem assim. Eles conhecem a língua da pátria de origem e têm um certo nível de formação profissional. Mas como eles chegam numa situação extremamente precária, em companhia de mulher e filhos, para se sustentar e alimentar a sua família, eles se sujeitam a trabalhar e aceitam qualquer tipo de trabalho extremamente duro, pesado, insalubre e perigoso.

Imigrantes haitianos e venezuelanos, por exemplo, aceitavam frequentemente trabalho em condição de quase escravidão. Algumas empresas preferiam esse tipo de migrante como trabalhador, pois se sujeitavam às condições drásticas e recebendo salários incompatíveis e indignos. Pode-se dizer que o capitalismo é uma estrutura e um sistema de acumulação de capital baseado no uso da violência como força produtiva, como acontecia na fase da acumulação originária de capital.

Muitas empresas terceirizam os serviços de limpeza necessária para a reprodução e circulação do capital, contratando outras que realizam os trabalhos no “chão da fábrica” ou nas empresas de distribuição em massa das mercadorias produzidas pelo grande capital. Por exemplo, as distribuidoras como o grupo Pão de Açúcar, controlado pelo capital internacional francês, segundo a pesquisa realizada por Marcus Campos, em sua investigação de mestrado.

Esta empresa limpadora, por sua vez, contratava trabalhadores venezuelano e haitianos em situação precaríssima, com sérios problemas de sobrevivência, para realizar os trabalhos em situação insalubre, dura e pesada. Um imigrante nesta condição aceita qualquer tipo de trabalho até os de semiescravidão. De qualquer modo, há a necessidade de se ter um sistema educacional que qualifique os vários segmentos da nação, incluindo os imigrantes. O que, em última instância, favorece a reprodução capital que também exige um certo tipo de mão de obra com um certo tipo de qualificação. O conhecimento entra como força produtiva da reprodução ampliada do capital.

**MVG:** *E a universidade está preparada para receber esse tipo de migrante?*

**SH:** Tomei conhecimento, por meio de minha orientanda Jennifer, que existe

um Centro de Ensino de Língua Portuguesa para os Imigrantes no município de São Paulo e que o Centro de Línguas da FFLCH/USP presta assessoria para ensinar língua portuguesa. Tenho um forte sentimento de que, se as universidades estão criando um sistemas de cotas para a população afrodescendente e indígena há algum algum tempo, seria importante criar, também, cotas universitárias para os imigrantes. Eles têm um certo nível de formação e até diplomas universitários, e podem adequar os estudos realizados para produzir um certo tipo de conhecimento funcional já que estão em uma situação extremamente precária. Assim, ele consegue se inserir de uma forma qualificada no mercado de trabalho.

Acredito que a universidade pública deve evoluir nessa direção. O ensino privado é sempre de segunda, terceira ou quarta categoria, ressalvando algumas instituições reconhecidas pela sua qualidade acadêmica, em sua maioria as universidades privadas são fabricantes de diplomas como mercadoria, sem realizar nenhuma pesquisa.

**MVG:** *Que dispositivos acadêmicos e de gestão existem para abrir a universidade ao refugiado que quer concluir ou fazer seus estudos?*

**SH:** Quando as primeiras levas de estudantes haitianos vieram para o Brasil, depois do terremoto de 2010, um antropólogo da Unicamp informava que havia aproximadamente 500 bolsas, no programa Pró-Haiti, destinados aos imigrantes, para estudar. Não tenho ainda nenhum diagnóstico de como esse programa se desenvolveu. A informação que tenho, já que estou lendo um exame de qualificação da aluna Raissa Londelo, que esta pesquisando sobre crianças haitianas em condições de semiescravidão, diz que era um projeto grande, mas o número de bolsas que a Capes deu não era tão grande. E, muitos imigrantes, devido à questão de sobrevivência, acabava abandonando o curso.

**MVG:** *É um processo complexo que implica acesso e permanência, não?*

**SH:** Certo. Quando eu era do Conselho Universitário da Unicamp representando a Fapesp, que é a maior organização de pesquisa do Estado de São Paulo, defendi o programa de cotas para a população afrodescendente acompanhada também com um programa de permanência. Se a universidade não criasse um projeto de permanência, essa população de afrodescendente e indígenas, extremamente vulnerável, não tinha condições de prosseguir nos estudos.

Portanto, é uma obrigação de uma universidade pública que se sustenta com o dinheiro público, pensar alternativas em benefício dessa população vulnerável. Tem que ter um projeto e um projeto político de Estado, pois a educação é para todos e necessariamente deve incluir o imigrante como parte do todo: é fundamental projetar um programa de inclusão, sem distinção de raça, cor e etnias

baseado nas diretrizes em defesa dos direitos humanos e do acesso democrático às instituições sociais. Outra questão que se deve discutir é a cidadania latino-americana. As Nações Unidas, de uma forma ou de outra, a partir das suas divisões, está tentando universalizar o acesso dos imigrantes à universidade por meio da Cátedra Sérgio Vieira de Mello.

**MVG:** *Acredito que, especificamente, a Cátedra Sérgio Vieira de Mello está contribuindo para abrir a educação superior para os migrantes e refugiados, não só para aprender as matérias específicas do curso que desejam realizar, mas também para exercer os seus direitos à cidadania. Eles não se consideram merecedores de caridade ou favores e sim sujeitos de direitos, não? Direitos a serem construídos...*

**SH:** Considero que todas as políticas públicas voltadas para a imigração, em todos os países do mundo e principalmente na América Latina e no Brasil, mutatis mutandis, são rígidas e seletivas, só inclui realmente os migrantes internacionais que tem uma formação mais qualificada e um perfil, muitas vezes, mais próximas da elite do poder e que seja funcional ao capital.

**MVG:** *Prof. Sedi Hirano, retomando a questão do processo educativo dos migrantes e refugiados, como o Sr. sintetizaria a questão.*

**SH:** Por um conjunto de circunstâncias, andei lendo os escritos dos jesuítas quando estiveram no Japão, a partir de 1549. O que mais impressionou aos jesuítas era que as crianças japonesas sabiam escrever e ler. E, mais do que isso, conforme o relato de Francisco Xavier, eles ficaram impressionados com a capacidade de aprendizagem dos adolescentes japoneses e pela primeira vez convidaram não europeus para estudarem em um colégio jesuítico em Portugal para se formarem padres. Luís Fróis, que era jesuítico, escreve mais ou menos 487 padrões de diferenças comportamentais culturais entre o Japão e a Europa. Quando ele se refere à mulher japonesa, há uma diferença espantosa, porque a imagem estereotipada que se faz da mulher japonesa é a de que é uma pessoa submissa. Luís Fróis coloca que as mulheres japonesas eram extremamente autônomas e independentes, eram elas quem aceitavam ou rejeitavam os parceiros sexuais – no ocidente eram os homens. Mais, ainda, o que ele percebeu e viu também, é de que as mulheres japonesas sabiam ler e escrever, enquanto que as mulheres europeias não sabiam. Quem escrevia eram os homens e a mulher assinava. Ele fala da educação das crianças e da importância do templo budista na educação e na formação dos japoneses.

No entanto, tanto na Europa quanto no Japão, a questão da educação vivia em simbiose com a questão religiosa. No Brasil e mesmo na Argentina, que são países católicos, a religião e o Estado nem sempre estão articulados. Mas a edu-

cação não pode estar tão dentro do Estado nem tão dentro da religião, tem que estar dentro da Nação e da sociedade civil. Por exemplo, para Sarmiento, a educação com autonomia e liberdade de pensamento, é fundamentalmente comandada pela razão, era tão dependente do Estado, mas o Estado tinha a sua função, nem tão dependente da Igreja. Sarmiento era positivista, norteava o seu pensamento sobre o primado da razão, ultrapassando o estágio teológico e metafísico.

Acredito que a Educação tem que ser autônoma e livre para que o educador eduque e forme não só através do conhecimento da matéria que vai expor, mas também por meio da pesquisa sobre as questões e problemas do mundo contemporâneo, levando-os para as salas de aula das diferentes áreas de conhecimento, almejando formar verdadeiramente o cidadão. Isso não está acontecendo nos vários países da América Latina, principalmente no Brasil.

O Brasil é um dos piores países em índices educacionais e em termos de IDH, e necessitamos fazer uma revolução estrutural na área de educação. A nossa educação só forma e reproduz a elite cultural, econômica, social, a grande elite latifundiária, industrial, econômico-financeira, excluindo as populações afro-descendente, indígena, as camadas mais carentes e os mais pobres, os quais são os grupos mais vulneráveis.

Os últimos dados da CEPAL mostra que, na pirâmide sócio-econômica, no topo está a população branca e, na base, estão os mais amorenados e escuros, os afrodescendentes e grupos indígenas e assim por diante, os quais exercem atividades nas piores ocupações, as mais desqualificadas. Portanto, a pirâmide socioeconômica tem cor e a marca da discriminação racial no Brasil e na América Latina. A CEPAL fala que os cidadãos da América Latina têm que ter um trabalho e emprego dignos e, para isso, a educação é fundamental. Ela é a força motriz que constrói a cidadania plena. O cidadão pleno deve possuir uma formação educacional completa e digna, sem discriminação, o que inclui a população pobre e os imigrantes.

**MVG:** Prof. Sedi, podemos pensar o migrante e refugiado como um grande potencial para a formação cultural e educacional do país que é plural, não?

**SH:** Concordo com você que está com um projeto de pesquisa sobre a “Educação aberta a pessoas em situação de refúgio na universidade brasileira”. Afirmo sempre que o ensino de português ou de outra língua para 50 ou 100 imigrantes é um projeto limitado, o mesmo diria em relação a Educação Aberta para refugiados nas universidades brasileiras, pois, se não abrange a totalidade da população refugiada, o programa serviria para fazer uma espécie de “psicanálise” do Estado, para dizer que está fazendo alguma coisa. Mas, se o fato de dar aula para 40, 50 ou 100 imigrantes forçados/refugiados ou não e a sua inclusão nas

universidades para melhor qualificação não se universaliza, estará reproduzindo uma estrutura social, cultural, econômica e política desigual como um todo, na verdade está criando entre os próprios imigrantes uma certa elite, excluindo uma maioria não abrangida pelo programa de inclusão.

Eu acho que a educação tem que ser para todos como arma de combate à desigualdade social. A disparidade salarial é abismal. O salário médio de um executivo de grandes empresas brasileiras e provavelmente latino-americanas em relação ao salário médio de um trabalhador é de aproximadamente 180 vezes, nos Estados Unidos é de 150, na Europa é 22 vezes mais e no Japão é de 16 vezes mais. A questão da educação tem algo a ver com a inserção qualificada das pessoas no mercado de trabalho. Acredito que é melhor sonhar com a utopia da igualdade, da inclusão para não se tornar um ser atópico, sem lugar, desclassificado, deslocado, com a forte tendência em eternizar as desigualdades abissais, com uma multidão de pessoas exercendo um trabalho indigno. A dignidade deve ser de todos e não só para as elites do poder.

Considere que a fala é sempre lacunar...

Músicas sugeridas para o programa: *Omae Ni Oreta por Hibari Misora; Spirit of harp por Kitaro; Bachianas brasileiras n.5 de Heitor Villa Lobos por Steve Howe.*

Margarita Victoria Gomez, 30 de novembro de 2018.